

LUDMILA DA SILVA SCHWELLBERGER - 28386

**ESCREVER É RESISTIR:
A DIFICULDADE DE INSERÇÃO DE
ESCRITORAS BRASILEIRAS NO MUNDO DA
LITERATURA NO SÉCULO XIX**

CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPO LIMPO PAULISTA

2º.SEM.2021

LUDMILA DA SILVA SCHWELLBERGER - 28386

**ESCREVER É RESISTIR:
A DIFICULDADE DE INSERÇÃO DE
ESCRITORAS BRASILEIRAS NO MUNDO DA
LITERATURA NO SÉCULO XIX**

Relatório de fundamentação do projeto experimental, modalidade livro-reportagem, apresentado como exigência final para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob orientação específica da professora Doutora Jaqueline Massagardi Mendes e coorientação metodológica da professora mestra Ane Katerine Medina Néri.

CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPO LIMPO PAULISTA

2º.SEM.2021

LUDMILA DA SILVA SCHWELLBERGER - 28386

**ESCREVER É RESISTIR:
A DIFICULDADE DE INSERÇÃO DE
ESCRITORAS BRASILEIRAS NO MUNDO DA
LITERATURA NO SÉCULO XIX**

Campo Limpo Paulista, __ de novembro de 2021.

Titulação + Nome completo do professor avaliador 1 (convidado)

Titulação + Nome completo do professor avaliador 2 (do curso de comunicação)

Prof^ª Doutora Jaqueline Massagardi Mendes (UniFaccamp)

DEDICATÓRIA

À todas as mulheres que sofrem ou já sofreram por conta da cultura do patriarcado e que dedicaram suas vidas a lutar por nossos direitos. Às escritoras que deram asas para minha imaginação. E à minha mãe, meu maior exemplo de força.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me motivaram, entenderam e proporcionaram a execução deste trabalho. Também agradeço aos professores que me possibilitaram este caminho, Anne Medina, Jaqueline Massagardi, Felipe Schadt e Leonardo Feitosa, as escritoras que se propuseram a participar e contribuir com esse trabalho, e ao meu companheiro, que me deu o que eu precisava para desenvolvê-lo, tempo e incentivo.

“Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever”.

(Clarice Lispector)

RESUMO

“Escrever é resistir: a dificuldade de inserção de escritoras brasileiras no mundo da literatura durante o século XIX” é um livro-reportagem pertencente a categoria histórico, que trata das complexidades e barreiras que as escritoras brasileiras tiveram que cruzar até sua emancipação profissional. O produto que desenvolve os sete capítulos na forma de uma linha do tempo, se iniciando da premissa das mulheres nas escolas durante o Brasil colonial, traz narrativas de sete escritoras da cidade de Jundiaí e visa contribuir com o diálogo acessível, trazer luz a pauta e aprendizado coletivo quanto a questão das vertentes relacionadas ao tema.

Palavras-chave: escritoras brasileiras, romantismo, Maria Firmina dos Reis, pseudônimos, feminismo, patriarcado.

LISTA DE SIGLAS

ABL – Associação Brasileira de Letras

PUC-RJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa

UCP – Universidade Católica de Petrópolis

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
1.1 Livro-reportagem histórico, o fato revelado através das literatura.....	13
1.2	
1.2 Discussão de abrange dificuldades de escritoras brasileiras.....	14
1.2.1 Romantismo X realismo: o retrato da mulher descrita por homens.....	14
1.2.2 Introdução das mulheres na escola durante o Brasil colônia.....	16
1.2.3 Início das mulheres na literatura brasileira.....	17
1.2.4 Maria Firmina dos Reis – Úrsula.....	18
1.2.5 Exclusão na Academia Brasileira de Letras (ABL).....	22
1.2.6 Mulheres na imprensa brasileira.....	23
CAPÍTULO 2 – ESQUEMA DE INVESTIGAÇÃO.....	26
2.1 Procedimentos metodológicos.....	26
2.2 Fontes consultadas.....	28
2.2.1 Fontes personagens.....	29
CAPÍTULO 3 – DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	31
3.1 Características básicas.....	31
3.2 Diagramação/Edição.....	33
3.3 Linguagem empregada.....	34
3.4 Público alvo.....	34
3.5 Divulgação.....	35
3.6 Orçamento.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
APÊNDICE A – Roteiros de entrevistas.....	42
APÊNDICE B – Modelo do termo de responsabilidade.....	43
APÊNDICE C – Carta de cessão de direitos – Alexandra Lazari.....	44
APÊNDICE C – Carta de cessão de direitos – Daniela Oliveira.....	45
APÊNDICE C – Carta de cessão de direitos –Lis Michele.....	46
APÊNDICE C – Carta de cessão de direitos – Giovanna Cardoso.....	47
APÊNDICE C – Carta de cessão de direitos – Rachel Mssagardi.....	48

APÊNDICE C – Carta de cessão de direitos – Renata Iacovino.....	49
APÊNDICE C – Carta de cessão de direitos – Thalita Cini.....	50
APÊNDICE C – Carta de cessão de direitos – Yasmim Leme.....	51
ANEXO 1 – Formulário online Escrever é Resistir.....	52

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este projeto tem como tema as vertentes que levaram as mulheres brasileiras a encontrarem diversos obstáculos no caminho e a luta por emancipação profissional como escritoras.- Porquê as mulheres eram impedidas de estudar? Porquê a escrita e leitura deviam ser consideradas apenas como hobby? Porquê o uso de pseudônimos fazia com que o livros fossem mais vendidos?

O assunto foi escolhido por se tratar de um tema atual, mas nem sempre lembrado. Além disso, apresenta-se como uma questão enraizada no que envolve a cultura do patriarcado sob o qual o Brasil se constituiu.

O recorte geográfico para o estudo se ateve ao Brasil, retratando escritoras inicialmente no século XIX, momento em que o Brasil se estabeleceu como colônia, até as recentes histórias de escritoras contemporâneas. A preferêncai foi baseada por se tratar do país de origem de Maria Firmina dos Reis, primeira escritora romancista brasileiras, e o momento atual, que entende a importância das narrativas contemporâneas e conseqüentemente as quatro personagens que se dispuseram a contar suas histórias enquanto escritoras.

Baseado nisso, a aluna-pesquisadora optou por realizar um livro-reportagem histórico, dando visibilidade a luta inicial das escritoras -brasileiras até personagens do presente momento. Vale lembrar que todas as histórias e nomes contidas no livro foram previamente autorizadas.

O produto final é retratado por diferentes épocas em cada capítulo, desde o primeiro com a dificuldades das mulheres de se alfabetizarem, até o uso de pseudônimos ou siglas abreviando o nome feminino em tempos nem tão distantes assim, e o machismo que as escritoras contemporâneas passam até a publicação de suas obras.

No decorrer do estudo, a aluna-pesquisadora entendeu que ainda que as dificuldades que cercam as escritoras brasileiras sejam enraizadas, a história que ainda se repete não somente no meio literário, acontece mediante variáveis que visam ser discutidas e analisadas, para que a mesma não volte a acontecer.

Contudo, o objetivo principal deste projeto não foi apenas mostrar as dificuldades que cercavam e ainda cercam as escritoras brasileiras, mas sim, promover um debate a cerca do tema, para que todos reflitam sobre o porquê as mulheres precisaram passar por essas lutas, porquê eram vistas como inferiores.

O relatório científico que se encontra adiante foi dividido em três capítulos. O primeiro de

Fundamentação Teórica, que conta com a fundamentação e conceitos de livro-reportagem histórico, as dificuldades que cercam escritoras brasileiras, o retrato da mulher descrita por homens, a introdução das mulheres nas escolas e seu início no meio literário e jornalístico, apresentando Maria Firmina dos Reis e pesquisas mais relevantes no que se refere ao tema.

O segundo capítulo traz o Esquema de Investigação, com os procedimentos metodológicos que ajudam o leitor a entender como foi realizado o estudo da temática escolhida, bem como o levantamento e apuração dos dados, além das fontes consultadas e as suas contribuições individuais.

No terceiro e último capítulo, encontram-se os Aspectos Técnicos do produto final, as características básicas do livro-reportagem, como quantidade de páginas e de capítulos, elementos visuais como capa, contracapa e ilustrações, linguagem empregada, público-alvo e orçamento utilizado para a produção do projeto. Já nos Apêndices o leitor encontra o roteiro de perguntas e as cartas de cessão de direitos das fontes.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, a pesquisadora aborda o desnivelamento entre as oportunidades dadas às mulheres escritoras brasileiras e às oferecidas aos homens inicialmente no século XIX, bem como um breve histórico dos 322 anos do Brasil colônia em que mulheres eram impedidas de participarem do sistema educacional e a alfabetização era restrita apenas a mulheres da elite. Os inconvenientes e desafios que ainda dizem respeito às escritoras contemporâneas também são retratados nesse trabalho. Além disso, para a produção do livro-reportagem, foi necessário ainda, estudar e fundamentar as características do formato escolhido.

1.1 LIVRO-REPORTAGEM HISTÓRICO, O FATO REVELADO ATRAVÉS DA LITERATURA

A relevância de um livro-reportagem histórico sobre a temática “Escrever é Resistir”, tendo como base que o objetivo desta pesquisa foi objetar as adversidades que mulheres sofriam para se tornarem escritoras com o machismo escancarado em meados do século XIX, está relacionado ao desconhecimento e opiniões obsoletas que cercam o assunto. Para isso, é necessário responder o que é um livro-reportagem histórico, percebendo que existem várias categorias.

Edvaldo Pereira Lima (2004, p.54), autor de *Páginas ampliadas*, explica que o livro-reportagem é como uma extensão do jornalismo e da literatura:

O tema [...] tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma, possibilitando um elo comum com o leitor atual. Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou por motivos mais variados. [...] Abarca com grande magnitude, episódios históricos de grande relevância social.

Ainda segundo Edvaldo Pereira Lima, o livro-reportagem tem dois papéis básicos no campo jornalístico. O primeiro é ampliação no trabalho da imprensa cotidiana, dando mais durabilidade aos assuntos e notícias na mídia periódica, como os jornais, revistas, rádio, televisão e websites. Já o segundo papel, que acaba sendo o mais relevante para o projeto desenvolvido, é o de produzir narrativas sobre os campos menosprezados ou tratados apenas de forma superficial pela imprensa.

O livro-reportagem histórico surgiu como um complemento da cobertura tradicional, destinado a quem se propõe a conhecer mais sobre um assunto, que mescla a modalidade retrato, discussão e esclarecimento, o mesmo reúne o depoimento de mulheres escritoras contemporâneas, o que é fundamental para a comunidade, não apenas acadêmica, mas para que todos tenham acesso à informação.

O cenário que cerca as dificuldades de mulheres como profissionais da literatura ainda não recebeu a relevância necessária, por isso o objetivo do livro-reportagem histórico “Escrever é Resistir” é fazer com que os leitores imaginarem uma linha do tempo de fácil compreensão, que ao longo do mesmo, os façam questionar as certezas que tinham a respeito do tema e interpretem os fatos da história, para que não se repitam.

O jornalista Laurentino Gomes, em seu livro 1808, retrata a vinda e a permanência da Família Real portuguesa, e sua Corte para o Brasil em 1808, e como influenciaram a vida no Brasil, resultando na Independência em 1822. Por se tratar de um conteúdo histórico, o seu gênero literário é considerado reportagem-histórico.

Com linguagem fluente, ele desenvolve em 29 capítulos a história do período, a partir da fuga da Família real portuguesa, narra a partida das 10.000 a 15.000 pessoas que acompanharam a família para o Brasil, a reação do povo português e descreve a situação da colônia portuguesa antes da chegada da corte ao Rio de Janeiro.

sim um amontoado de regiões mais ou menos autônomas, sem comércio ou qualquer outra forma de relacionamento, que tinham como pontos de referência apenas o idioma português e a Coroa portuguesa, sediada em Lisboa, do outro lado do Oceano Atlântico (GOMES, 2007, p.120).

1.2 DISCUSSÃO QUE ABRANGE DIFICULDADES DE ESCRITORAS BRASILEIRAS

1.2.1 Romantismo X Realismo: O retrato da mulher descrita por homens

A literatura é um espaço majoritariamente masculino. E isso não acontece porque os homens têm mais capacidade, repertório ou melhores histórias para escrever do que as mulheres. Segundo Virgínia Woolf (1989, p.146), escritora, ensaísta e editora britânica, famosa por apresentar em suas obras questões políticas, sociais e feministas, o problema começa bem antes, com a exclusão das mulheres do mundo das letras e artes, instruídas a apenas a se prepararem para o casamento.

Foi a relíquia do senso de castidade que ditou a anonimidade às mulheres, mesmo tão tardiamente no século XIX. Estas dificuldades materiais foram infinitamente maiores [...] e chegou certamente a hora em que os efeitos do desencorajamento sobre o pensamento do artista deveriam ser medidos: é bastante evidente que, mesmo no século XIX, a mulher não era encorajada a ser artista.

Durante o Romantismo¹, a mulher era vista pelos escritores como um ser distante, que era idealizado por aquele que amava. Era intocável, fazia parte de um universo de ilusões dos eternos apaixonados. Essa idealização era expressa nos elogios de que era objeto, e na sensação de que não se era digno de merecer o amor desta mulher. No período romântico, a mulher vivia basicamente no ambiente doméstico, ou como coadjuvante nos ambientes sociais, acompanhando o cavalheiro.

Júlio Flávio Vanderlan Ferreira (2012, p, 11) graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), especialista em Literaturas Brasileira e Portuguesa pela Faculdade Pio X, diz que foi na era romântica que surgiram os primeiros grandes escritores e as primeiras obras primas.

[...] A literatura romântica estabeleceu um marco na história do nosso país, ela apontou o início da autonomia na produção intelectual e cultural brasileira [...] autonomia em vários âmbitos, pois todo o pensamento político e filosófico daquela época eram reforçados e refletidos na produção literária.

Já no Realismo², as mulheres são bem menos idealizadas e mais condizentes com a realidade, tendo uma personalidade concreta e não meramente uma figura cercada de mistério e exagero, como, por exemplo, a personagem Capitu do romance de Machado de Assis, Dom Casmurro.

Por muito tempo, o impacto de pressões socioculturais decretava que as mulheres se dedicassem exclusivamente ao lar. Para Régia Agostinho da Silva (2009, p, 13) doutora em História na Universidade de São Paulo (USP) e professora da Universidade Federal do Maranhão, esta desvantagem social vem desde os tempos mais remotos e fez com que a produção literária feminina fosse numericamente inferior à dos homens até os dias atuais.

A participação das mulheres no mundo da escrita, e principalmente da escrita pública, era bastante reduzida no século XIX; a participação feminina [...] era pouca, visto que, se pensarmos historicamente, as mulheres passaram muito tempo sem acesso à educação e à possibilidade da escrita.

Em toda a história, a exclusão das mulheres sempre foi amplamente semeada, tanto nos direitos básicos que lhes eram negados, como ao voto e escolha de matrimônio, quanto na questão

¹ O Romantismo se manifesta como um movimento artístico e filosófico que aparece no fim do século XVIII e no começo do século XIX (FERREIRA, 2012, p, 3)

² Trouxe reflexão sobre a realidade social e política para o centro das narrativas realistas. (OLIVEIRA, 2008, p.13).

da alfabetização e do estudo, restringindo-as apenas à vida familiar. Em relação à escrita, a atividade possuía apenas fins de etiqueta, sendo incentivada somente entre mulheres da elite.

[...] O direito à educação era, primordialmente, para o casamento, para melhor educar os filhos, mas deveria incluir também o direito de freqüentar escolas, daí decorrendo o direito à profissão. E mais para o final do século, inicia-se a luta pelo voto. O sufrágio foi o mote de luta do feminismo, como todos sabem. (MUZART, 2003, p, 226). [sic]

Revela-se, então, o desnivelamento entre a literatura escrita por mulheres e a escrita por homens — enquanto estes majoritariamente conseguiam escrever e publicar suas obras, a elas isso era negado e, muitas vezes, até proibido. Com isso, o isolamento sistemático das suas obras do cânone literário é regra, apenas com raras exceções.

1.2.2 INTRODUÇÃO DAS MULHERES NA ESCOLA DURANTE O BRASIL COLÔNIA

Durante 322 anos, período em que o Brasil foi colônia de Portugal, a educação feminina esteve submetida aos cuidados da casa, do marido e dos filhos, e a instrução era reservada apenas aos filhos homens dos indígenas e dos colonos. Para Jane Soares de Almeida (1998, p.19) escritora e professora graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Botucatu, os ideais positivistas do século XX continuou idealizando um perfil feminino ligado ao “ser mãe”.

Apesar das conquistas efetivadas ao longo das primeiras décadas do século, como o acesso das mulheres ao ensino superior e a algumas profissões, os ideais positivistas permaneceram impregnando a mentalidade brasileira ainda por muito tempo.

A questão da alfabetização e do estudo para mulheres era limitada apenas à vida familiar. O ensino começou a ser disponibilizado timidamente às mulheres somente no período do Império (1822-1889), ainda assim, os colégios destinados a elas eram particulares e, dessa maneira, somente as meninas de origem abastada podiam estudar. Já o ingresso feminino na escola pública ocorreu após a fundação da Escola Normal, em 1880, na Corte do Rio de Janeiro.

Segundo Mary Del Priore (2004, p.373) professora, historiadora e escritora brasileira, que reuniu e organizou diversas histórias em seu livro História das mulheres no Brasil, as concepções e formas de educação das mulheres nessa sociedade eram múltiplas. Contemporâneas e conterrâneas, elas estabeleciam relações que eram também atravessadas por suas divisões e diferenças.

Sob diferentes concepções, um discurso ganhava a hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos grupos sociais a afirmação de que as “mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas”, ou seja [...] não havia porque mobilizar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios.

Nísia Floresta (1989, p. 2), uma voz feminina revolucionária, que denunciava a condição de submissão em que viviam as mulheres no Brasil, exigia sua emancipação, elegendo a educação como o instrumento através do qual essa meta seria alcançada. Em sua obra *Opúsculo Humanitário*, iniciada com tom de denúncia, a autora se refere à educação do Império, criticando a débil educação que era destinada às mulheres brasileiras.

Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado – emancipação da mulher –, nossa débil voz se levanta na capital do império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres! Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?

A autora chama a atenção do monarca Dom Pedro II para a educação das mulheres brasileiras, para os ideais de civilidade, de progresso e de liberdade e para o que significava o desenvolvimento intelectual das mulheres, que, como dizia a autora, “proporcionaria às mulheres infinitas possibilidades para colaborar na formação de um Estado livre e civilizado.”

As duas filhas de Dom Pedro II foram exessões a época, Isabel e Leopoldina receberam a melhor educação que o monarca poderia oferecer. No artigo “Luiza, Isabel e Leopoldina: uma história de mulheres, nobreza e educação no Brasil Imperial”, as autoras Ana Cristina Borges López Monteiro Francisco, Doutora em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP) e Maria Celi Chaves Vasconcelos professora do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação pela Pontífica Universidade católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), chamam atenção para as estratégias utilizadas por Luiza Margarida Portugal de Barros, Condessa de Barral, escolhida para ensinar e educar as duas princesas (2018, p.160)

Foram muitos os mestres famosos e anônimos que participaram do projeto educacional da condessa para as princesas [...] A condessa também dava lições às princesas, mas sua principal função era a elaboração dos planos de estudo ou de aulas, que eram preparados semanalmente, para atividades de segunda a sábado [...] para o dia de atividades, a condessa estabelecia um rígido cronograma, cujos horários começavam as 6 e meia da manhã e iam até a noite [...]

1.2.3 INÍCIO DAS MULHERES NA LITERATURA BRASILEIRA

Embora o cenário para o desenvolvimento da escrita das mulheres tenha sido custoso desde seus primórdios, segundo o site “Onde estão as Clarices?”, web jornal da Faculdade Cásper Líbero, é possível abordar a criação de alguns espaços decisivos para o aumento da expressividade

feminina na área, tanto na produção da escrita jornalística quanto da literatura em sua forma mais ampla.

A partir da vinda da família real portuguesa para o Brasil, no século XIX, rompendo com os padrões coloniais da época, a imprensa é oficialmente criada no país. Esse passo, essencial para o início de uma lenta mudança de pensamento, constitui um avanço na questão feminina em relação ao incentivo à escolaridade da elite nacional, principalmente pela recente associação com a Corte e seus interesses culturais e intelectuais.

Nesse período, no entanto, nota-se que o papel dado à mulher na imprensa, em sua maioria, limitava-se ao universo da moda, literatura (romances), beleza, algum tipo de entretenimento e/ou recreação e, também, ao reforço das características de esposa e mãe bondosas — assuntos que ainda hoje carregam muito do que diz respeito ao ato de “ser mulher” na sociedade.

Os títulos sucediam-se. Entre a moda e a literatura, a imprensa feminina brasileira caminhava. Com nomes de flores, pedras preciosas, animais graciosos, todos metáforas da figura feminina, foram editados *A Camélia*, *A Violeta*, *O Lírio*, *A Crisálida*, *A Borboleta*, *O Beija-Flor*, *A Esmeralda*, *A Grinalda*, *O Leque*, *O Espelho*, *Primavera*, *Jornal das Moças*, *Eco das Damas* e assim por diante. (MUZART, 2003, p. 228)

Pela ligação estabelecida ao longo de toda a história entre imprensa e literatura, esses temas persistiriam, conjuntamente, na relação de produções literárias de mulheres, tal como sua contínua desvalorização.

Apesar de a mulher [...] no século XIX ter tido acesso aos jornais (onde publicava suas composições), é só no século XX que vamos encontrar o primeiro suplemento dirigido por uma mulher e com publicações de mulheres somente. (MUZART, 2003, p. 231)

1.2.4 MARIA FIRMINA DOS REIS – ÚRSULA

Maria Firmina dos Reis foi uma romancista, contista, poeta e professora brasileira. A primeira mulher a publicar um romance no Brasil é considerada precursora das literaturas abolicionista e afro-brasileira. Era negra e nascida na Ilha de São Luís, no Maranhão. Em 13 de maio de 1861, o jornal maranhense *A verdadeira marmota* (apud MORAES FILHO, 1975, s/p), periódico recreativo e de cunho literário, em plena circulação na capital da então província do Maranhão, trazia a público a seguinte nota:

Raro é ver o belo sexo entregar-se a trabalhos do espírito, e deixando os prazeres fáceis do salão propor-se aos afãs das lides literárias. Quando, porém, esse ente, que forma o encanto da nossa peregrinação na vida, se dedica às contemplações do espírito, surge uma Roland³, uma Staël⁴, uma Sand⁵, uma H. Stowe⁶, que vale cada uma delas mais do que bons escritores; porque reúne à graça do estilo, vivas e animadas imagens, deliciosos quadros, e esse sentimento delicado

que só o sexo amável sabe exprimir.

Se é, pois, cousa peregrina ver na Europa, ou na América do Norte, uma mulher, que, rompendo o círculo de ferro traçado pela educação acanhada que lhe damos, nós os homens, e indo por diante de preconceitos, apresentar-se no mundo, servindo-se da pena e tomar assento nos lugares mais proeminentes do banquete da inteligência, mais grato e singular é ainda ter de apreciar um talento formoso, e dotado de muitas imaginações, despontando no nosso céu do Brasil, onde a mulher não tem quase educação literária, onde a sociedade dos homens de letras é quase nula.

O aparecimento do romance “ÚRSULA” na literatura pátria foi um acontecimento festejado por todo o jornalismo, e pelos nossos homens de letras, não como por indulgência, mas como homenagem rendida a uma obra de mérito.

Em verdade que o é esse livro, que se apresentou sem nome de autora, modestamente e ainda sem apregoadores.

As suas descrições são tão naturais e poéticas, que arrebatam; o enredo tão intrincado que se prende a atenção e os sentidos do leitor; o diálogo é animado e fácil; os caracteres estão bem desenhados – como o de Túlio, do Comendador, de Tancredo e Úrsula.

Sua autora, D. Maria Firmina dos Reis, professora de português na vila Guimarães, revelou um grande talento literário, porquanto com poucos e acanhadíssimos estudos, ainda menos leitura do que há de bom e grandioso na literatura francesa e inglesa, o que fez, deve-o a si, a seu fértil e prodigioso engenho, e a mais ninguém.

A nossa comprovinciana não é só romancista, também conversa com as musas.

Oferecemos hoje aos nossos leitores algumas de suas produções, que vêm dar todo o brilho e realce à nossa “Marmota”, que ufana-se de poder contar doravante com tão distinta colaboradora, que servirá por certo de incentivo às nossas belas, que talvez com o exemplo, cobrem ânimo, e se atrevam a cultivar tanto talento, que anda acaso por aí occulto.

A poesia é dom do céu, e a ninguém dotou mais largamente a divindade do que ao ente delicado, caprichoso e sentimental – a mulher.

O belo sexo não deve viver segredado de tão sublime arte – os encantos e ornatos do espírito são sua partilha; – toma a senda que lhe abre com tão bons auspícios, rodeada de aplausos merecidos, D. Maria Firmina dos Reis, e siga-lhe aos brilhantes voos. [sic]

IMAGEM 1: Resenha de Úrsula publicado no jornal A Verdadeira Marmota em 1861.



Fonte: Maria Firmina: fragmentos de uma vida - Memorial Maria Firmina dos Reis

Segundo Régia Agostinho da Silva (2009, p. 12), quando Maria Firmina fez seu primeiro

romance, *Úrsula*, publicado em 1859, tinha na época 34 anos e já era professora concursada na cidade de Guimarães. A publicação do romance era algo até então impensável: um instrumento de crítica à escravidão por meio da humanização de personagens escravizados. Maria Firmina dos Reis fez muito mais do que uma literatura de embelezamento (SILVA, 2009, p, 14), foi escritora, abolicionista, dedicou boa parte da sua vida a discutir as questões da escravidão.

[...] construiu uma voz dissoante na literatura do século XIX, principalmente por ser uma mulher escritora em um período no qual a escrita pública era quase exclusivamente masculina, é voz dissoante também por ser mulata, autodidata e por escrever sobre os escravos de uma perspectiva completamente diferente de outros literatos. (SILVA, 2009, p, 17)

Muitos dos documentos do arquivo pessoal da autora se perderam e até o momento não se tem notícia de nenhuma imagem sua digna de credibilidade. “Maria Firmina dos Reis colaborou assiduamente com vários jornais literários, tais como *A Verdadeira Marmota*, *Semanário Maranhense*, [...] *O Federalista* e outros.” (MUZART, 2000, p, 264).

Segundo o portal de literatura afro-brasileira, *Literafro* (ROSA, 2020, p, 10), a autora contribuiu para a construção de uma literatura que evidencia a memória coletiva e impulsiona a sua narrativa, além de trazer ao leitor as marcas de um passado histórico e reafirmando a identidade cultural.

A obra *Úrsula* narra o trágico destino de um triângulo amoroso na sociedade patriarcal escravista brasileira. É interessante sob diversos aspectos, dentre os quais a denúncia de injustiças praticadas livremente em uma sociedade autoritária e patriarcal que, no Brasil, era percebida por alguns intelectuais e, sobretudo, pelas minorias mais afetadas, como o negro e a mulher. Trata-se da primeira obra da literatura nacional em que negros escravizados falam e refletem por si.

No prefácio da obra, porém, consciente das eventuais críticas que poderia receber por conta de sua “ousadia”, a maranhense (REIS, 1859, p.13) se utilizou de uma estratégia bastante comum entre as escritoras do período, que era registrar, logo no início do texto, um pedido de desculpas:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo.

Em 1880, Maria Firmina recebeu o título de Mestra Régia em História da Educação Brasileira e fundou uma escola gratuita de ensino misto, gerando escândalo em uma época em que meninos e meninas eram separados na escola.

IMAGEM 2 - Carimbo comemorativo criado em homenagem ao sesquicentenário de nascimento da escritora.



Maria Firmina dos Reis³
(São Luís, 1825 – Guimarães, 1917)

A escritora maranhense contribuiu de forma definitiva ao resgate das minorias com a marca do discurso afrodescendente e feminino na literatura brasileira, merecendo uma visão ampliada da literatura e é considerada um caso único na história e na cultura brasileira, pelo modo como se estabelece culturalmente na sociedade patriarcal e escravista brasileira do século XIX, surgindo, posteriormente, como um ícone de resistência.

1.2.5 EXCLUSÃO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL)

A Academia Brasileira de Letras (ABL), mais importante instituição literária do país, ilustra a situação das escritoras no Brasil. Desde sua criação, em 1897, apenas oito mulheres ocuparam alguma de suas notórias quarenta cadeiras — e, a contar do princípio, a história da ABL não foi das mais inclusivas.

Para Michele Asmar Fanini (2010), Mestre e Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela USP (Universidade de São Paulo), a ABL manteve-se incólume à presença feminina.

A primeira mulher foi excluída da Academia antes mesmo de sua inauguração. A carioca Júlia Lopes de Almeida recebeu um “não” à ocupação de uma cadeira, a qual acabou sendo

³ Essa imagem, disponibilizada no livro *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*, de José Nascimento Morais Filho (1975), é a reprodução do carimbo comemorativo criado em homenagem ao sesquicentenário de nascimento da escritora e que foi lançado, solenemente, em 11 de outubro de 1975, na cidade de São Luís, no jardim do Museu Histórico e Artístico do Maranhão.

ocupada por seu marido, Filinto de Almeida. O pretexto usado foi que, sendo a ABL moldada pela Academia Francesa, que não aceitava mulheres, esta também não deveria aceitá-las.

[...] É possível dizer que se, [...] as mulheres não mais se deparam com uma entidade cujos umbrais até então lhes estavam completamente cerrados, agora, suas portas ao menos se encontram entreabertas. (FANINI, 2010, p 20)

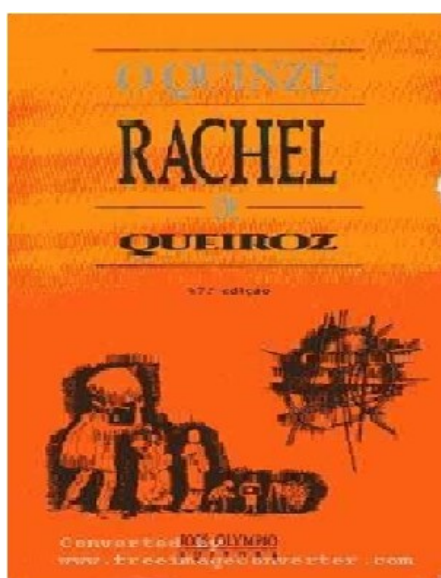
Posteriormente, o termo “brasileiros”, contido no Artigo 30 do Regimento Interno da ABL, foi usado como justificativa para recusar a primeira candidatura feminina — a da piauiense Amélia Beviláqua —, defendendo que o vocábulo fazia referência apenas a homens brasileiros, não incluindo, portanto, as mulheres.

[...] A Academia oferece como justificativa [...] uma interpretação enviesada do Art. 30 do Regimento Interno de 1927, segundo a qual o vocábulo “brasileiros” aludiria apenas aos indivíduos do sexo masculino. (FANINI, 2010, p, 03).

Após 80 anos sem uma representante do gênero feminino, a Academia finalmente elegeu uma mulher: a cearense Rachel de Queiroz, em 4 de agosto de 1977. Apesar de ela não ter mencionado a importância de ser a primeira a ocupar tal posição ou incentivado o ingresso de mais mulheres na ABL, a conquista da escritora representou o início de uma lenta mudança.

No ano de sua posse, Rachel de Queiroz deixa claro não ser porta-voz, melhor dizendo, não possui vinculação alguma com o movimento feminista, o que reitera a congruência entre seu discurso de posse e sua postura “desinteressada” diante da significação histórico-social de seu ingresso (FANINI, 2010, p, 17)

IMAGEM 3: Capa do livro O Quinze, de Rachel de Queiros.



Fonte: <http://coracoralinabibliotecacomunitaria.blogspot.com.br/2012/08/louvado-para-rachel-de-queiroz-por.html>>

No centenário da instituição, após o ingresso de Rachel de Queiroz, apenas outras cinco mulheres transpuseram os umbrais da ABL. Considerando-se a ordem cronológica de eleição (e não de empossamento), a Academia assiste aos ingressos de Dinah Silveira de Queiroz, em 10 de junho de 1980; de Lygia Fagundes Telles, em 24 de outubro de 1985; de Nélida Piñon, em 27 de julho de 1989; de Zélia Gattai, em 7 de dezembro de 2001 e de Ana Maria Machado, em 24 de abril de 2003.

No site oficial da ABL (Academia Brasileira de Letras) pode ser encontrado o discurso de posse completo de Ana Maria Machado em 2003.

É como mulher, escritora, cidadã brasileira que hoje, com a ajuda de Deus, dos brasileiros amantes das causas nobres, dos membros desta Casa, que libertos de preconceitos confiaram na minha condição feminina e, assumo, comovida, a presidência da Academia Brasileira de Letras

1.2.6 MULHERES NA IMPRENSA BRASILEIRA

Segundo Karina Janz Woitowicz (2012, p.1), jornalista, professora doutora do curso de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), é provável que a mulher que penetra no mundo profissional do jornalismo no fim do século XIX, tradicionalmente masculino, se conscientize como feminista em sua luta por defender o direito a escrever e a ocupar um posto na imprensa. Algumas personagens se destacam como pioneiras neste trabalho, que foi fundamental para abrir espaço para discutir questões de interesse das mulheres.

Algumas personagens se destacam como pioneiras neste trabalho, que foi fundamental para abrir espaço para discutir questões de interesse das mulheres. A primeira profissional do jornalismo na Europa [...] foi Francisca de Aculodi, que em 1683 fundou e dirigiu, na cidade de San Sebastián.

No Brasil, as atividades de mulheres em jornais também foram expressivas, ainda no século XIX. No mesmo momento em que surgiam publicações voltadas ao público feminino, que se ocupavam de assuntos como moda, culinária e cuidados domésticos, também eram criados espaços que problematizavam a “condição da mulher”.

As experiências dos grupos feministas e de mulheres apontavam cada vez mais para a necessidade de criar um discurso próprio, capaz de fazer questionamentos e promover mudanças. Em um Encontro do Movimento das Mulheres no Brasil, realizado no Rio de Janeiro em agosto de 1981, entre as temáticas discutidas ganhava destaque a comunicação. (WOITOWICZ, 2012, p, 6)

É importante lembrar que as publicações destinadas às mulheres, na primeira metade do

século XIX - que traziam literatura, moda, beleza e regras de comportamento - eram escritas por homens. Mas, mesmo que a fundação de um jornal de mulheres tenha acontecido somente nos anos 1850, antes disso já havia mulheres que atuavam como colaboradoras nos jornais e que foram gradativamente abrindo espaço para a escrita feminina, ainda que em alguns casos sob o disfarce de pseudônimos masculinos.

De acordo com Muzart (2003, p. 226), uma das razões para a criação dos periódicos de mulheres no século XIX partiu da necessidade de conquistarem direitos: “em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto”.

A literatura, a imprensa e a consciência feminista surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX. Quem afirma é a pesquisadora de história e literatura feminina Constância Lima Duarte, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), autora de uma cartografia de 143 publicações dirigidas ao público feminino nos anos 1800.

Percebe-se que o movimento feminista, na medida em que se constitui como um espaço de resistência e luta em defesa das mulheres, passa a incorporar em suas ações diversas práticas relacionadas aos meios de comunicação. Os jornais, a partir de orientações promovem o debate sobre as causas do feminismo a partir da publicização de determinados assuntos na esfera pública.

[...] Diante das diversas experiências que marcaram a história das mulheres na imprensa, é possível pensar a mídia alternativa como um lugar de resistência e construção de identidades, uma vez que o discurso projetado nos veículos constitui também um fazer/agir do feminismo [...]. Trata-se, portanto, de uma história marcada por lutas e por conquistas femininas que se fazem, ao mesmo tempo, no campo social e no campo jornalístico [...] (WOITOWICZ, 2012, p. 7)

Famosa por sua trajetória no campo literário, Clarice Lispector nem sempre é lembrada como jornalista, a ucraniana que se mudou para o Brasil aos dois anos de idade, foi um importante ícone na representatividade feminina no jornalismo. Para Aparecida Maria Nunes, professora de Letras na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Lispector sem se denominar “feminista”, adotou postura de resistência às imagens femininas de uma sociedade proselitista⁴. (NUNES, 2019, p. 14)

Clarice utilizava temas e discurso condizentes com a proposta dos manuais de comportamento da mulher, decorrente de um pensamento machista, o qual a imprensa brasileira do período compartilhava. Mas Clarice não podia compactuar com isso. Até porque ela, em sua literatura, por exemplo, problematizava a condição feminina. Como, então, produzir um jornalismo em que a mulher emancipada não fosse vista como problema social, ao negar o papel de mãe e esposa, conforme o sistema patriarcal vigente nos anos 1950?

⁴ O proselitismo constitui manifestação simultânea dos direitos fundamentais à liberdade religiosa e à liberdade de expressão, configurando modalidade de liberdade de expressão religiosa, a qual deve ser, a princípio, reconhecida como direito legítimo nas sociedades democráticas. (SANTOS, 2012, p.18)

Para a página feminina do jornal “Comício”, Clarice Lispector idealizou uma seção denominada “Aprendendo a Viver,” com o objetivo de ser um espaço conscientizador para a leitora. E dessa maneira, começou a instaurar uma desordem na página, conhecida posteriormente como *desordem Clariciana*.

[...] inseriu em meio aos discursos conservadores de “Entre Mulheres,” um excerto de Simone de Beauvoir, extraído da obra *O segundo sexo*, que só seria publicada no Brasil em 1960. Do capítulo “A mulher independente,” do segundo volume, Beauvoir, no fragmento escolhido por Lispector, expôs sua opinião sobre a menstruação ser fator impeditivo para o trabalho da mulher fora de casa. (NUNES, p.15)

Em 1951, morando no Rio de Janeiro e já sendo uma escritora premiada, Lispector reunia conhecimento requinte e sensibilidade suficientes para se embrenhar por um tipo de jornalismo que ainda não dominava. (NUNES, p. 21).

Na coluna “Entre Mulheres,” Lispector identificava muito bem seu público-alvo. Sabia que o Brasil se modernizava, mas que a sociedade ainda era conservadora. Por isso, tinha de seguir os ditames da imprensa feminina, para atrair a leitora mediante a identificação com temas e problemas próximos ao cotidiano no qual vivia. Mas essa Clarice amadurecida continuava ousada, como a principiante repórter que foi. E preferiu investir em textos voltados para um feminismo convicto, sem ser ativista.

Revolucionária a seu tempo, Lispector nos ajuda a entender sua literatura e seu jornalismo. E no jornalismo feminino que realizou, na construção do perfil de mulher progressiva.

CAPÍTULO 2 – ESQUEMA DE INVESTIGAÇÃO

Neste segundo capítulo, a pesquisadora aborda cada uma das etapas para a construção do livro-reportagem, a começar pela justificativa na escolha do tema, o período anual, a delimitação geográfica e o formato do produto e o seu principal objetivo. Aqui apresentam-se também os métodos de busca e pesquisa para obter toda a fundamentação teórica necessária que serviu de contextualização da temática e demais processos na coleta de dados e informações.

2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A escolha por desenvolver um Trabalho de Conclusão de Cursos (TCC) a respeito da temática dificuldade de inserção de escritoras brasileiras no mundo da literatura durante o século XIX, ocorreu no primeiro semestre de 2021. A princípio as ideias tinham como foco principal algo que remetesse ao femismo, lutas diárias, direito das mulheres e afins.

Em março de 2021, enquanto produzia o Formulário Oficial da Proposta do TCC, a estudante junto à orientadora metodológica Ane Katerine Medina Néri, optou por destacar mulheres escritoras, que além de ser um tema muito pertinente e que vem crescendo em conjunto com as discussões feministas a respeito de mulheres no ambiente profissional, se agregou com a afinidade da pesquisadora por ler desde a infância e o desejo de escrever um livro como um objetivo a curto prazo.

Desde a colonização do Brasil, as mulheres eram impedidas de se inserir nas escolas e a alfabetização feminina ficou comprometidas durante vários anos, conseqüentemente, o número de livros escritos e assinados por mulheres eram inferiores ao dos homens.

Com isso, a pesquisadora percebeu que estava lidando com com uma prática rotineira, baseada nos reflexos da história e que são sentidos até os anos atuais por escritoras contemporâneas.

A definição do tema trouxe a escolha da orientadora específica, a Professora Doutora Jackeline Massagardi Mendes, indicada pela professora orientadora metodológica, que aceitou prontamente o convite.

Após o aceite da professora orientadora específica, o primeiro passo foi definir o recorte e o formato a ser trabalhado. A pesquisadora definiu o período do século XIX, e a delimitação geográfica o Brasil, sendo assim definido que o foco principal seria em escritoras brasileiras. Inicialmente o formato escolhido seria o de monografia, mas pensando em levar a informação e o

trabalho para mais pessoas, foi definido o livro-reportagem histórico, pois a pesquisadora buscava democratizar a informação por um meio acessível, e contar a história de luta e desenvolvimento das escritoras desde o início das mulheres na alfabetização precária, separando os capítulos em ordem crescente como uma linha do tempo de fácil entendimento.

Ainda no primeiro semestre de 2021, guiada pela orientadora específica e metodológica, a aluna pesquisadora iniciou o levantamento bibliográfico. Por estar vivendo um período extremamente delicado devido a pandemia do Coronavírus, e ser necessário respeitar a quarentena e o distanciamento social, a pesquisadora optou por buscar as referências em sua maioria por meios digitais, como a leitura de artigos acadêmicos, teses, periódicos, *podcasts* e relatos que abordam a temática. O único acervo presencial que a estudante verificou de forma presencial porém tomando todos os cuidados, foi a biblioteca do Centro universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP).

Em junho de 2021, para compreender como o assunto é tratado por quem não tem grande repertório de conhecimento sobre o assunto, qual relevância eles dão a respeito do tema, e sobre a discrepância entre a quantidade de livros que são lidos escritos por homens se contrapondo aos escritos por mulheres, a aluna pesquisadora produziu um formulário online, contendo 6 questões. Entre elas, o conhecimento a respeito do machismo e o patriarcalismo interferir diretamente no desenvolvimento de escritoras e no sucesso dos livros publicados por mulheres. O link com as questões foi compartilhado nas redes sociais da pesquisadora, mas apenas 10 pessoas se dispuseram a responder.

Após o encerramento do formulário, a pesquisadora analisou as respostas e transformou os dados em tabelas de porcentagens. Dos que responderam o questionário, apenas 20% se consideravam leitores ativos, e 90% tinham lido apenas de 1 a 3 livros na vida escritos por mulheres.

No primeiro capítulo de fundamentação teórica, a pesquisadora optou por desenvolver a pesquisa em subtemas, sendo eles, o livro-reportagem histórico e o fato revelado através da literatura, como eram retradas mulheres no romantismo e realismo escrito por homens, como foi o início das mulheres nas escolas durante o Brasil Colônia, a introdução das mulheres na literatura, um capítulo sobre Maria Firmina dos Reis considerada a primeira romancista brasileira, a exclusão das mulheres na ABL (Associação Brasileira de Letras) e as mulheres na imprensa brasileira.

Em agosto de 2021, tendo o levantamento bibliográfico a estudante começou a pesquisar e listar possíveis profissionais para fundamentar o projeto.

Para encontrar personagens condizentes com o tema do trabalho, a aluna pesquisadora utilizou o site cultura.jundiai.sp.gov.br, onde autores jundiaenses divulgam suas obras e canais

para contato.

A aluna pesquisadora fez a análise dos dados e características dos autores do site e entrou em contato com doze autoras, e dessas, oito responderam o contato, mas apenas **sete** concederam a entrevista.

Na metade do mês de agosto de 2019, a produção do livro-reportagem foi iniciada e organizada em duas etapas. A primeira parte a ser escrita foi a linha seguindo a linha do tempo proposta desde o início das mulheres no mundo da literatura adentrando as escolas até o final do século XIX. Na sequência, os relatos das escritoras entrevistadas.

Ainda neste segundo semestre do ano, o professor Felipe Schadt também contribuiu com algumas orientações na produção do livro-reportagem, como a importância da linguagem empregada e o foco no perfil de pessoas que o livro tem como objetivo atingir.

A elaboração de todos os capítulos foram realizados com a orientação específica e revisão da professora Doutora Jaqueline Massagardi Mendes.

2.2 FONTES CONSULTADAS

O jornalismo em sua concepção tem como primórdio o contar de uma história, fazendo a devida apuração dos fatos e das fontes. De acordo com Lage (2001, p. 21), “poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público”. Entendemos, assim, que para ter o que contar, é necessário dar voz àqueles que presenciaram ou que realmente saibam sobre o acontecido, a essas pessoas intitulamos o nome de fontes. Como testemunhas diretas ou indiretas, é das fontes que surge a história.

As fontes diretas ou testemunhas consultadas pela pesquisadora, como depoimentos e personagens, que segundo Felipe Pena (2005) faz relação direta com o fato, são consideradas fontes testemunhais.

Segundo Lage (2001, p. 21), “entre o fato e a versão jornalística que se divulga, há todo um processo de percepção e interpretação que é a essência da atividade dos jornalistas”. Desta maneira, para este trabalho, diversas fontes foram entrevistadas e consultadas, as quais serão detalhadas a seguir. É importante ressaltar que a pesquisadora entrou em contato com diversas fontes especialistas, como editoras, professores especialistas e escritores conceituados, mas não obteve respostas, enquanto as fontes personagens são consideradas testemunhas, pois relatam o acontecimento presenciado.

2.2.1 FONTES PERSONAGENS

Alexandra Lazari - Engenheira de alimentos e escritora.

Data da entrevista: 25/10/2021

Local: Jundiaí

Contribuições: Concedeu a entrevista de forma remota, compartilhou a experiência de escrever seu primeiro livro “Três povos” considerado melhor ficção de 2020 pelo Brasil entre Palavras, e sobre como começou a usar suas redes sociais para transmitir conteúdos de escrita criativa e storytelling para escritores e roteiristas, contou também sobre suas inspirações e mensagens que passa para outras mulheres que tem o mesmo sonho que ela.

Daniela Oliveira – Professora de redação e escritora.

Data da entrevista: 08/11/2021

Local: Jundiaí

Contribuições: Concedeu a entrevista de forma remota, compartilhou suas inspirações e trajetória até a publicação de seu livro, os medos e inseguranças que carrega ao viver em uma sociedade que convive com violência estrutural, e sobre o desestímulo que sofreu ao escolher a escrita literária como profissão.

Giovanna Cardoso - Escritora e artista visual independente.

Data da entrevista: 18/09/2021

Local: Jundiaí

Contribuições: Concedeu a entrevista de forma remota, e a iniciou contando sobre o processo de escrita de seu primeiro livro “Muitas e boas com você”, o publicou de forma virtual no e-book na plataforma hotmart, contou que não sofreu preconceitos por ser mulher apenas no mercado literário, mas também no artístico. Contou também que ingressou neste caminho por ter tido a oportunidade de conhecer em seus trabalhos voluntários mulheres mais velhas que contaram que não gostavam de escrever por terem vergonha de não ter tido uma educação completa.

Lis Michele - bailarina, coreógrafa, professora de ballet e escritora.

Data da entrevista: 10/09/2021

Local: Jundiaí

Contribuição: Concedeu a entrevista de forma remota, contando sobre o processo de escrita e publicação de seu livro “Catarina bailarina” em 2020, no meio da pandemia do Coronavírus por meio de um financiamento coletivo. Destacou seu descontentamento com os contratos oferecidos pelas editoras e ainda sobre não ter sofrido nenhum tipo de preconceito por ser mulher na sua vida

profissional por ser uma área em sua maior parte feminina.

Rachel Massagardi – escritora e estudante

Data da entrevista: 08/11/2021

Local: Jundiaí

Contribuição: Concedeu a entrevista de forma remota, e contou sobre seu primeiro livro escrito e publicado no de 2021 “O Rei e suas Crainças” no Brasil e em Portugal, e sobre como foi o processo de escrita e publicação com apenas 14 anos em parceria com sua amiga Yasmim Leme.

Renata Iacovino - cantora, compositoras, poetisa e escritora.

Data da entrevista: 13/09/2021

Local: Jundiaí

Contribuições: Concedeu a entrevista de forma remota, começou reassaltando que não vive apenas da renda de livros, falou de suas inspirações e trabalhos, da sua jornada como escritora desde 1996 quando publicou seu primeiro livro de poesias, e que sempre considerou ser uma mulher, uma vantagem em seu meio profissional.

Thalita Cini – escritora e professora

Data da entrevista: 09/11/2021

Local: Jundiaí

Contribuição: Concedeu a entrevista de forma remota, contou sobre seu livro e o processo de escrita e publicação, e sobre a falta de incentivo em relação a escrita literária vinda das escolas.

Yasmim Leme – escritora e estudante

Data da entrevista: 08/11/2021

Local: Jundiaí

Contribuições: Concedeu a entrevista de forma remota, Concedeu a entrevista de forma remota, e contou sobre seu primeiro livro escrito e publicado no de 2021 “O Rei e suas Crainças” no Brasil e em Portugal, e sobre como foi o processo de escrita e publicação com apenas 14 anos em parceria com sua amiga Rachel Massagardi.

CAPÍTULO 3 – DESCRIÇÃO DO PRODUTO

CARACTERÍSTICAS BÁSICAS

A pesquisadora optou por utilizar o formato de livro-reportagem, no tamanho A5, correspondente à maioria dos livros publicados. Sua medida é de 210 x 148 mm.

O livro conta com uma imagem ilustrativa antes de cada capítulo, para ambientar e trazer vida ao livro-reportagem com 75 páginas, divididas em sete capítulos, trazendo em cada uma das partes um recorte da temática em questão, seguindo a ordem cronológica dos fatos desde o século XIX até os dias atuais.

Os capítulos foram divididos da seguinte forma:

I – INÍCIO DO PERCURSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS MULHERES NO SÉCULO XIX

Essa primeira parte abrange as limitações e a luta das mulheres para serem inseridas nas escolas do Brasil durante o período colonial, a primeira Lei de educação do Brasil que incluía mulheres e a política de ocultamento que era imposta às elas na época, em que apenas moças da elite eram incentivadas a escrever, somente com fins de hobby e supervisionadas para que não ferissem a moral e os bons costumes da época.

II – COMO ERAM RETRATADAS PERSONAGENS MULHERES NO ROMANTISMO ESCRITO POR HOMENS

O segundo capítulo é destinado a mostrar como eram descritas as personagens na era do romantismo onde a maioria dos escritores eram homens. Explica sobre a ascensão desse movimento, suas características e ideais, e como as personagens eram objetificadas. Dentro deste capítulo há um subcapítulo intitulado de (2.1) *Mulheres do realismo*, em que explica o movimento posterior ao romantismo, as características, e a forma como as mulheres nessa época passaram a ser mais condizentes com a realidade.

III – MARIA FIRMINA DOS REIS: PRIMEIRA ESCRITORA ROMANCISTA DO BRASIL

Este terceiro capítulo é responsável por contar a história da primeira romancista brasileira: Maria Firmina dos Reis. Descreve as limitações e preconceitos que a autora passou em

sua época, faz um resumo dos seus feitos em vida, como seu primeiro livro “Úrsula” e o reconhecimento que ganhou após sua morte.

IV – USO DE PSEUDÔNIMOS

Neste capítulo é retratado o uso de pseudônimos como a estratégia encontrada por muitas escritoras para que pudessem publicar seus livros se protegendo da opinião pública e da represália do machismo.

V - ESCRITORAS IMPROVÁVEIS: A INCRÍVEL HISTÓRIA DE HELEN KELLER

No quinto capítulo é apresentada a história de Helen Keller, uma escritora cega e surda, que apesar de todo preconceito e de suas limitações, aprendeu a ler e escrever e se tornou escritora e ativista em defesa das mulheres e das pessoas com deficiência, e de sua professora Anne Sullivan.

VI – A ASCENSÃO DO FEMINISMO E SEUS IMPACTOS NA LITERATURA

Este capítulo explica o que é o movimento feminista, quando se originou, suas vertentes, e a importância do movimento para as mulheres da literatura em um subcapítulo intitulado (6.1) *Feminismo e literatura*.

VII – ESCRITORAS CONTEMPORÂNEAS

O último capítulo abre discussão a respeito das dificuldades de escritoras contemporâneas, primeiro contando a história de Malala Yousafzai, ativista e escritora, e abre um subcapítulo chamado (7.1) *Escritoras contemporâneas brasileiras*, onde é narrada a histórias das escritoras entrevistadas pela aluna pesquisadora.

Todas as entrevistas foram realizadas de forma remota por conta do distanciamento social devido a pandemia do Coronavírus, visando preservar a segurança da pesquisadoras e das entrevistadas.

O intuito principal do projeto é trazer luz a um tema de extrema importância, que ainda não ganhou a relevância necessária, muitas vezes esquecidos pela sociedade.

Para dar início as entrevistas, as perguntas foram enviadas com antecedência para as escritoras entrevistadas, para que no momento a conversa fluísse de forma natural, e caso as

entrevistadas tivessem algum contratempo pudessem enviar suas respostas posteriormente da forma mais acessível à cada uma delas.

DIAGRAMAÇÃO/EDIÇÃO

Os programas utilizados durante a elaboração do livro-reportagem foram: Microsoft Word – 2013, devido a facilidade da pesquisadora em trabalhar com os recursos oferecidos pelo mesmo, word google doc's para o compartilhamento simultâneo com a professora orientadora específica e o *Scribus 1.5.7*, para a diagramação final, principalmente por poder contar com o auxílio do professor Leonardo Feitosa, que leciona as aulas de projeto gráfico e editorial em jornalismo, que constava na grade curricular da aluna pesquisadora no mesmo período em que o trabalho estava sendo realizado.

A capa traz a ilustração de Nina Millen, feita em pintura digital, trazendo uma representação de Maria Firmina dos Reis segurando uma pena enquanto escreve, com correntes quebradas ao fundo, representando o momento em que as mulheres quebram as correntes e saem do perfil de personagens para escritoras, e foi escolhida pelo fator de representatividade visto que o livro se inicia no momento que a escrita era feita por meio de “aparo”, como era conhecida na época.

A tonalidade bege rose envelhecida, traz calma e suavidade, que se aproxima do ouro envelhecido, para representar a época em que se inicia a história que é retratada no livro.

A fonte escolhida foi arial, por se tratar de uma fonte sem serifa (enfeites na base da fonte) e trazer um ar mais moderno e agradável ao texto, e facilitando assim a leitura.

O tamanho escolhido para a fonte foi 11, para não atrapalhar o layout, e não ser tão pequena a ponto de atrapalhar a leitura.

No início de cada capítulo há uma imagem para representar o que será dissertado no capítulo em questão, e a primeira palavra de cada capítulo contém uma letra capitular, para destacar e chamar a atenção do leitor para cada novo início de capítulo, além de trazer elegância ao produto.

No último capítulo, ao retratar as entrevistas, uma foto de cada autora ilustra o início de cada nova entrevista.

No tamanho 210 x 148 mm, com margem padrão de livros em formato A5 sendo superior e inferior de 2,54cm e e laterais 1,91cm, o livro conta com 75 páginas, em sete capítulos. Desses, seis são contando a histórias e o percurso de escritoras brasileiras desde o século XIX até os dias de hoje, enquanto o último traz a história de escritoras contemporâneas entrevistadas.

LINGUAGEM EMPREGADA

A linguagem utilizada no livro-reportagem foi voltada para um público adulto feminino, e mesmo com a utilização de termos técnicos e citações, todos foram explicados por meio das notas de rodapé.

Durante a escrita, a pesquisadora se fez ouvir sempre em 1ª e 3ª pessoa. Na introdução e no último capítulo, com uso de características do jornalismo literário, foi utilizado a 1ª pessoa, o que concedeu maior liberdade para a narradora.

Já nos demais capítulos, foi utilizado a 3ª pessoa, para narrar os acontecimentos e o percurso desde o início do século XIX até hoje, e manter o distanciamento da pesquisadora ao narra os fatos.

Contudo, o livro-reportagem apresenta um tom informativo e reflexivo, com uma grande quantidade de informações históricas. Os capítulos em 1ª pessoa são empregados também para trazer reflexão ao leitor, ao fazer diversas perguntas reflexivas sem dar nenhuma resposta, para fazer o leitor pensar em porquê as mulheres tiveram que percorrer todo esse caminho de anos de luta para terem o direito de escrever e contar suas histórias de forma livre.

PÚBLICO ALVO

Por se tratar de uma temática vivenciada por muitas mulheres, o público alvo preferencial é o feminino. Mas vale incluir toda a sociedade, pelo sentido de democratizar a informação e impedir que a história volte a se repetir.

A aluna pesquisadora elaborou o produto final com o objetivo de trazer luz à pauta, informando as pessoas de que o que trouxe esses anos de luta por direitos é uma questão enraizada, que se fundou desde o início da sociedade patriarcal, e envolve diversos fatores, não devendo ser tratada de forma isolada nem silenciada.

DIVULGAÇÃO

A primeira forma de divulgação do projeto será na biblioteca do Centro Universitário Campo Limpo (UNIFACCAMP), onde ficará disponível uma cópia que os alunos interessados na temática encontrarão no acervo da instituição.

Os personagens que contribuíram na elaboração deste projeto receberão a cópia do livro, via arquivo de *pdf*, como forma de agradecimento.

O livro também será divulgado nas redes sociais da aluna pesquisadora como *Facebook* e *Instagram*, publicado no formato e-book em plataformas como a hotmart e posteriormente a pesquisadora iniciará a busca por editoras com interesse na publicação da obra.

ORÇAMENTO

Tabela 1 – Gastos com o Projeto Experimental

Itens	Valores
Impressões	R\$XXX
Cópias	R\$XXX
Encadernação	R\$XXX
Transporte	R\$XXX
Total	R\$XXX

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar um trabalho cuja temática retrata a dificuldade de escritoras brasileiras de se inserirem no mundo da literatura como profissionais solidificadas desde o século XIX, não se instituiu em uma tarefa simples, pois pensar nos caminhos tomados que resultaram a isso é complexo, e exige uma política de discussão continuada, e de debates e estudos coletivos que possibilitem conceituação e entendimento quanto as práticas que levaram a isso.

O termo “resistir” escolhido pela pesquisadora como uma das palavras principais do tema, por si só carrega o peso de seu significado de luta, de concervar-se firme.

O livro-reportagem “*Escrever é Resistir*”, buscou não apenas trazer essa conceituação, mas contar a história que no âmbito de sociedade não é muito falada, e permitir que vozes até hoje silenciadas por falta de incentivo e desestímulo em relação a literatura como profissão fossem ouvidas e respeitadas.

Neste trabalho objetivávamos refletir sobre o lugar da mulher no espaço da literatura, para isso nos debruçamos nas leituras de estudiosas que discutem essa temática, como Jane Almeida (1998), Nísia Floresta (1989), Maria Firmina dos Reis (1859), Maria mott (1988), Silvana Oliveira (2008), Mary Del priore (2004) e Virgínia Wolf (1989) que contribuíram para uma reflexão mais consistente.

Para solidificar e dar vida ao produto final, se fez necessário ir além. Buscar por bibliografias reais, recorrer à pesquisa de campo e entrevistas para alcançar uma visão mais ampliada compreendendo assim a partir de quais motivos e variáveis as dificuldades começaram, e porque ainda existem.

Com o aprofundamento do estudo e o crescimento no número de entrevistadas dispostas a darem seus depoimentos surgiu um novo entendimento: a dificuldades que cercam as escritoras brasileiras é enraizada em fatores sociais, econômicos e culturais.

Na construção do processo de pesquisa, buscamos valorizar a postura de pensar sobre o porque as dificuldades persistiam ainda nos dias atuais, e como os fatores culturais de uma sociedade patriarcal continua interferindo no debate a respeito do tema.

Desta maneira, o livro-reportagem mostrou-se o formato mais adequado para o tratamento pois além de se relacionar com o tema, busca valorizar um debate acertivo a respeito da literatua inclusiva que contemple as mulheres como protagonistas escritoras e não mais apenas como personagens.

Assim, compreendemos com essa pesquisa o quanto é importante aprofundar sobre essa temática de desestímulo em relação a mulher enquanto escritora desde a colonização do Brasil, tão pouco discutida, defendendo a importância do lugar de falas femininas em espaços literários.

A aluna, enquanto comunicadora e futura bacharel em jornalismo, não irá poupar esforços na divulgação de todas as narrativas que envolvem as dificuldades que cercam escritoras brasileiras no campo literário desde o século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIGOS ACADÊMICOS

DIOGO, Luciana Martins. **Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e A Escrava de Maria Firmina dos Reis.** 2016. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/31/31131/tde-01112016-103251/pt-br.php>. Acesso em: 13 out. 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira** (posfácio). In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula. A escrava*. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/317-maria-firmina-dos-reis-e-os-primordios-da-ficcao-afro-brasileira-critica>. Acesso em: 13 abr. 2021.

FANINI, Michele Asmar. **As mulheres e a Academia Brasileira de Letras.** Mestre e Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia – USP (Universidade de São Paulo) Projeto Temático FAPESP "Formação do campo intelectual e da indústria cultural no Brasil contemporâneo" 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/zRkkfhpVDvRSXsQyJrCqv3F/?lang=pt>> Acesso em 23 maio 2021.

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Romantismo: A Formação da Literatura Brasileira.** Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe Especialista em Literaturas Brasileira e Portuguesa pela Faculdade PIO X. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br>> Acesso em 21 maio 2021.

FRANCISCO, Ana Cristina B. López M. e VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **Luiza, Isabel e Leopoldina: Uma história de mulher, nobreza e educação no Brasil (1856-1864).** História da Educação [online]. 2018, v. 22, n. 55 [Acessado 1 Novembro 2021], pp. 148-168. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2236-3459/77091>>. Epub May-Aug 2018. ISSN 2236-3459. <https://doi.org/10.1590/2236-3459/77091>.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX.** 2003. Disponível em: Revista Estudos Feministas.> Acesso em 02 maio 2021

NUNES, Aparecida Maria. **O jornalismo feminino de Clarice Lispector: em busca do inesperado e da desordem.** 2019. Disponível em: <<https://jls.apsa.us/index.php/jls/article/view/333/354>> Acesso em 30 outubro 2021.

RENAUX, Sigrid. **O feminismo de Virginia Wolf em a room of one's own.** Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/328064747.pdf>> Acesso em 05 maio 2021.

ROMANELI, Marina. **A representatividade feminina na literatura feminina brasileira contemporânea**. 2014. Monografia. Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/639/3/MRomanelli.pdf>> Acesso em 16 abril 2021.

ROSA, Soraia Ribeiro Cassimiro. **Um olhar sobre o romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. Graduada em Letras – Habilitação Português / Espanhol, pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro Disponível em LITERAFRO - www.lettras.ufmg.br/literafro> Acesso em 25 junho 2021

SANTOS, Milene Cristina. **O Proselitismo religioso entre a Liberdade de expressão e o Discurso de ódio**: a “Guerra santa” do Neopentecostalismo contra as Religiões afro-brasileiras. Dissertação de Mestrado Universidade de Brasília (UnB). Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/13873>> Acesso em 30 outubro 2021

SILVA, Régia Agostinho. **A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão**. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/download/52/51>> Acesso em 19 abril 2021

WOITOWICZ, Karina Janz. **Marcos históricos da inserção das mulheres na imprensa: A conquista da escrita feminina**. Jornalista, professora Dra. do curso de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-no-4-outubro-de-2012>> Acesso em 13 de junho 2021.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19479/2/Rafael%20Balseiro%20Zin.pdf>. Acesso em: 17 out. 2021.

LIVROS

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. Editora Unesp, 1998.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2015.

FLAUBEERT, Gustave. **Madame Bovary**. França: Martin Claret, 2015.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário** São Paulo: Cortez, 1989

GOMES, Laurentino. **1808 – Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil**. 2ª reimpressão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007

LAGE, Nilson. **A Reportagem - Teoria e Técnica de Entrevista**. Santa Catarina: Record, 2009.

LIMA, Edvaldo pereira. **Páginas Ampliadas**.3. ed.Barueri: Manole, 2004.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão**. São Paulo: Contexto, 1988.

MORAES FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida**. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

OLIVEIRA, Silvana. **Realismo na Literatura Brasileira**. Curitiba. IESDE Brasil, 2008.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. Editora: Contexto, 2004.

REIS, Maria Firmina. **Úrsula**. Editora: Taverna, 2018. (versão original 1859)

WOOLF, Virginia. **A Room of One's Own**. Inglaterra: EditoraHoughton Mifflin Harcourt P, 1989.

SITES

ARTE.REF. Clarice **Lispector e sua contribuição para o jornalismo cultural no Brasil**. Disponível em: <<https://arteref.com/literatura/clarice-lispector>>Acesso em 28 outubro 2021.

DECLERCQ, Marie.**Escritoras brasileiras falam sobre as dificuldades de publicar no país**. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/z4dv8a/escritoras-brasileiras-falam-sobre-as-dificuldades-de-publicar-no-pais>>Acesso em 19 abr. 2021.

Estudantes de Letras Licenciatura Português - Inglês. UNIP - Campos Dutra. **A Retratação da Mulher no Romantismo e Realismo**. Disponível em: <<http://literatico.blogspot.com/2015/05/a-retratacao-da-mulher-no-romantismo>>Acesso>em 05 maio 2021

Jarid Arraes: cordel que empodera mulheres. Disponível em: <<https://azmina.com.br/colunas/jarid-arraes-cordel-que-empodera-mulheres>>Acesso em: 06 maio 2021

MACHADO, Ana Maria. **Discurso de posse 2003**. Site oficial da ABL. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/ana-maria-machado/discurso-de-posse>>Acesso em 24 jun. 2021

MARIA Firmina dos Reis. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641361/maria-firmina-dos-reis>. Acesso em: 13 out. 2021. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/322-maria-firmina-dos-reis>>Acesso em>06 maio 2021

Memorial de Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/sites-noticias/>>Acesso em 06 maio 2021

CASTILHO, Inês. **Mulher e imprensa no Brasil, desde o século 19.** 2016. Disponível em: <https://outraspalavras.net/blog/mulher-e-imprensa-no-brasil-desde-o-seculo-19/>>Acesso em 25 jun. 2021

APÊNDICE A – ROTEIROS DE ENTREVISTAS

- **FONTES PERSONAGENS**

INÍCIO

- Nome:
- Idade:
- Cidade natal:
- Profissão:
- Conte um pouco sobre o seu livro.
- Qual foi a inspiração para a ideia do livro?
- Você sente que faltou incentivo em relação a escrita como profissão?

MEIO

- Quais são os planos para o futuro? Pretende continuar escrevendo?
- Já sentiu em algum momento que “ser mulher” colocou obstáculos no seu caminho profissional? (Não necessariamente apenas na escrita)
- Porque acha que o machismo continua tão presente nos ambientes profissionais?

FINAL

- Que mensagem que você deixaria para mulheres que também tem o sonho de se tornarem escritoras.

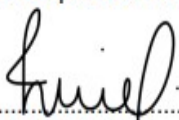
APÊNDICE B – MODELO DO TERMO DE RESPONSABILIDADE

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Jundiaí, 03 de setembro de 2021.

Eu, Ludmila da Silva Schwellberger, RG 57.925.313-2, declaro, para os devidos fins, que todas as imagens e entrevistas captadas, serão utilizadas com responsabilidade e respeito, conforme acertado com os entrevistados.

A carta de cessão de direitos de entrevista e imagem deverá ser assinada por todos os entrevistados, uma vez que faz parte das exigências do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UniFaccamp) para a realização do Projeto Experimental de conclusão do Curso de Jornalismo. Este termo de compromisso é a garantia de que as entrevistas e imagens captadas serão utilizadas apenas por nós.


.....
RG 57.925.313-2

APÊNDICE C – CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Jundiaí, 25 de Outubro de 2021.

Eu, Alexandra Aparecida Lazari Simão, RG 48.533.673-X, SSP-SP, declaro, para os devidos

fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 25 de Outubro de 2021, para a estudante Ludmila da Silva Schwellberger, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda da mesma, estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UniFaccamp).

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.



RG. 48533673-X SSP-SP

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Jundiaí, 08 de novembro de 2021.

Eu, Daniela Oliveira da Silva RG 56.725.233-4 SSP-SP, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 08 de novembro de 2021, para a estudante Ludmila da Silva Schwellberger, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda da mesma, estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (Unifaccamp).

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.



RG. 56.725.233-4 SSP-SP

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Jundiaí, 18 de setembro de 2021.

Eu, Giovanna Cunha Cardoso RG 54.165.989-3 SSP-SP, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 18 de setembro de 2021, para a estudante Ludmila da Silva Schwellberger, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda da mesma, estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UniFaccamp).

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.



.....
RG. 54.165.989-3 SSP-SP

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Jundiaí, 10 de setembro de 2021.

Eu, Lis Michele Garcia Alaniz Lopes RG 16.594.261-7 SSP-SP, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 10 de setembro de 2021, para a estudante Ludmila da Silva Schwellberger, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda da mesma, estudante do 7°. semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (Unifaccamp).

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.



Lis Michele Garcia Alaniz Lopes
RG 16.594.261-7 SSP-SP

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Jundiaí, 08 de novembro de 2021.

Eu, Rachel Massagardi Mendes, RG 64.436.767-2 SSP-SP, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 10 de novembro de 2021, para a estudante Ludmila da Silva Schwellberger, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda da mesma, estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UniFaccamp).

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.



RG. 64.436.767-2 SSP-
SP

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Jundiaí, 13 de setembro de 2021.

Eu, Renata Iacovino RG 13.254.866-5 SSP-SP, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 13 de setembro de 2021, para a estudante Ludmila da Silva Schwellberger, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda da mesma, estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UniFaccamp).

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.



.....RG

.13.254.866-5SSP-SP

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Jundiaí, 08 de novembro de 2021.

Eu, Thalita Kely Cini RG 502.201.098-42 SSP-SP, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 10 de Novembro de 2021, para a estudante Ludmila da Silva Schwellberger, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda da mesma, estudante do 7°. semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UniFaccamp).

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.


.....

RG. 502.201.098-42 SSP-SP

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Jundiaí, 08 de novembro de 2021.

Eu, Yasmin Leme, RG 64.101.152-0 SSP-SP, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 11 de novembro de 2021, para a estudante Ludmila da Silva Schwellberger, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda da mesma, estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UniFaccamp).

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.



RG. 64.101.152-0 SSP-
SP

ANEXO 1 – Formulário online Escrever é Resistir

Escrever é resistir - A dificuldade de inserção de escritoras brasileiras no mundo da literatura no século XIX

Nome:

Idade:

Você se considera um leitor ativo?

- sim
- não

Dos livros que já leu, quantos foram escritos por mulheres?

- 0
- De 1 a 3
- de 4 a 6
- Outros

Porque você acha que 80% dos livros que mais fizeram sucesso na história foram escritos por homens?

Você acha que o machismo influencia no desenvolvimento das mulheres na escrita literária? Como?

Tabulação dos Dados

Dos que responderam o formulário online disponibilizado, 80% não se considerava leitor ativo, e apenas 20% se consideravam. Dos que se consideravam ativos, 90% responderam que apenas 1 a 3 livros que leram na vida haviam sido escrito por mulheres, e 10% que haviam lido de 4 a 6 livros escritos por mulheres.